

DESEMPENHO ACADÊMICO E BEM-ESTAR: O PAPEL DOS PSICOESTIMULANTES ENTRE ESTUDANTES DE SAÚDE

Rodrigo Luiz de Jesus Nunes¹ (PIBIC/CNPq); Serena Maria Le Pinto² (Voluntário);
Jose Daniel Cardoso Furtado³ (Voluntário), Aline Santana Goes¹ (Orientador)
rodrigoln47@gmail.com;

¹Universidade Tiradentes/Medicina/Aracaju/SE.

²Instituto de Tecnologia e Pesquisa/Aracaju/SE.

ÁREA DO CONHECIMENTO: 4.00.00.00-1 Ciências da Saúde

SUBÁREA DO CONHECIMENTO: 2.10.00.00-0 Farmacologia

ESPECIALIDADE: 2.10.01.00-6 Farmacologia Geral

RESUMO

Introdução: O uso de psicoestimulantes e outras substâncias entre estudantes da área da saúde tem aumentado nas últimas décadas, motivado pelas pressões acadêmicas, longas jornadas de estudo e pela busca por melhor desempenho cognitivo^{3,2}. Pesquisas indicam que o metilfenidato e o modafinil são amplamente utilizados, muitas vezes sem prescrição médica, relacionados a fatores como estresse, privação de sono e competitividade^{9,8}. Esse comportamento representa um problema de saúde pública que envolve riscos físicos, psicológicos e sociais⁴. Estudos nacionais apontam que o consumo é mais frequente em cursos de medicina, principalmente nos anos finais, evidenciando um padrão de uso preocupante e socialmente reforçado^{11,9}. **Objetivo:** Analisar a prevalência e os fatores associados ao uso de psicoestimulantes e outras substâncias entre estudantes dos cursos da área da saúde da Universidade Tiradentes, além de investigar a relação entre o consumo, o bem-estar subjetivo e a satisfação com a vida. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, desenvolvido entre abril e setembro de 2025, com 187 estudantes dos cursos de medicina, enfermagem, psicologia, fisioterapia, biomedicina, odontologia e farmácia. Foram aplicados questionários estruturados contendo dados sociodemográficos e os instrumentos ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) e SWLS (Satisfaction With Life Scale). O ASSIST foi elaborado pela Organização Mundial da Saúde para identificar padrões de uso de substâncias psicoativas^{6,14}, sendo reconhecido por sua aplicabilidade em ambientes universitários^{1,13}. O SWLS mensura o nível de contentamento global com a vida, apresentando consistência e validade reconhecidas^{12,10}. As análises incluíram estatísticas descritivas e inferenciais, utilizando os testes Qui-quadrado, Mann-Whitney e regressão logística⁷. O nível de significância adotado foi de 5%, e o estudo obteve aprovação ética (CAAE 81929724.0.0000.5371), conforme a Resolução CNS nº 466/12. **Resultados:** O álcool foi a substância mais consumida (84%), seguido por café (51%), energéticos (19%), tabaco (16%) e maconha (14%). Psicoestimulantes e "cognitive enhancers" apresentaram prevalência de 3,2%. Cerca de 22% dos usuários de álcool e 39% dos consumidores de café necessitam de intervenção breve segundo o ASSIST¹. A média da satisfação com a vida (SWLS) foi de 25 pontos, sem diferenças significativas entre usuários e não usuários¹⁰. O consumo associou-se a fatores socioculturais e acadêmicos, como curso, renda, religião, turno integral e presença de plano de saúde. Observou-se que 53% relataram dificuldades emocionais durante a graduação e 60% buscaram acompanhamento psicológico⁵. **Conclusão:** O estudo evidencia elevada prevalência de substâncias lícitas, especialmente álcool e café, entre estudantes da saúde, enquanto o uso de psicoestimulantes permanece restrito⁹. Não houve associação significativa entre consumo e bem-estar subjetivo, sugerindo influência maior de fatores contextuais do ambiente acadêmico³. Reforça-se a importância de políticas institucionais que promovam saúde mental e conscientização sobre os riscos do uso de estimulantes^{4,5}.

Palavras-chave: estudantes de saúde; psicoestimulantes; satisfação com a vida.

Agradecimentos: Expresso meus agradecimentos à Universidade Tiradentes, Campus Farolândia, e ao seu corpo profissional, pelo suporte institucional, orientação e disponibilidade ao longo de todo o processo, oferecendo as melhores condições para a superação dos desafios enfrentados. Estendo, ainda, meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de pesquisa, fundamental para a aquisição de insumos e para a concretização deste trabalho.

ABSTRACT

Introduction: The use of psychostimulants and other substances among health science students has increased in recent decades, driven by academic pressure, long study hours, and the pursuit of cognitive enhancement^{3,2}. Research indicates that methylphenidate and modafinil are widely used, often without a medical prescription, and are associated with factors such as stress, sleep deprivation, and competitiveness^{9,8}. This behavior represents a public health concern involving physical, psychological, and social risks⁴. National studies show that consumption is more frequent among medical students, especially in the final years, revealing a worrying and socially reinforced pattern of use^{11,5}. **Objective:** To analyze the prevalence and factors associated with the use of psychostimulants and other substances among students in health-related courses at Tiradentes University, as well as to investigate the relationship between consumption, subjective well-being, and life satisfaction. **Methods:** This was a cross-sectional study conducted between April and September 2025, involving 187 students from the programs of medicine, nursing, psychology, physiotherapy, biomedicine, dentistry, and pharmacy. Structured questionnaires were administered, containing sociodemographic data and the instruments ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) and SWLS (Satisfaction With Life Scale). The ASSIST was developed by the World Health Organization to identify patterns of psychoactive substance use^{6,14} and is recognized for its applicability in university environments^{1,13}. The SWLS measures the overall level of life satisfaction and demonstrates consistent validity and reliability^{12,10}. Analyses included descriptive and inferential statistics, using Chi-square, Mann–Whitney, and logistic regression tests⁷. The level of significance was set at 5%, and the study received ethical approval (CAAE 81929724.0.0000.5371), in accordance with Resolution CNS No. 466/12. **Results:** Alcohol was the most consumed substance (84%), followed by coffee (51%), energy drinks (19%), tobacco (16%), and marijuana (14%). Psychostimulants and “cognitive enhancers” had a prevalence of 3.2%. Approximately 22% of alcohol users and 39% of coffee consumers required brief intervention according to the ASSIST¹. The mean life satisfaction score (SWLS) was 25 points, with no significant differences between users and non-users¹⁰. Substance use was associated with sociocultural and academic factors such as course, income, religion, full-time study, and the presence of health insurance. It was observed that 53% reported emotional difficulties during their studies, and 60% sought psychological support⁵. **Conclusion:** The study highlights a high prevalence of legal substances, especially alcohol and coffee, among health science students, while the use of psychostimulants was limited⁹. No significant association was found between consumption and subjective well-being, suggesting a greater influence of contextual factors in the academic environment³. The findings reinforce the importance of institutional policies promoting mental health and raising awareness about the risks of stimulant use⁵.

Keywords: health students; psychostimulants; life satisfaction.

ACKNOWLEDGEMENTS: I express my gratitude to Tiradentes University – Farolândia Campus – and its professional staff for their institutional support, guidance, and availability throughout this process, providing the best conditions for overcoming the challenges encountered. I also extend my sincere thanks to the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) for granting the research scholarship, which was essential for the acquisition of materials and the successful completion of this work.

REFERÊNCIAS/REFERENCES:

1. BENETON, A. C.; SCHMITT, R.; ANDRETTA, I. Uso de substâncias psicoativas e o instrumento ASSIST na atenção primária. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 24:e210040, 2021.
2. DYRBYE, L. N.; THOMAS, M. R.; SHANAFELT, T. D. Medical student distress: causes, consequences, and proposed solutions. *Mayo Clinic Proceedings*, 80(12):1613–1622, 2005.
3. FOND, G. et al. Burnout in medical students: a critical review. *Clinical Psychology Review*, 45:48–62, 2016.
4. FOSCHIERA, L. Uso de metilfenidato e repercussões em estudantes universitários. *Revista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 2020.
5. HAAS, N. et al. Factors associated with the use of psychostimulants among health students. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 41:509–517, 2019.
6. HENRIQUE, I. F. S. et al. Validação da versão brasileira do ASSIST. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(supl. 1):48–55, 2004.

7. HOSMER JR., D. W.; LEMESHOW, S.; STURDIVANT, R. X. *Applied Logistic Regression*. 3.ed. Hoboken: Wiley, 2013. 528p.
8. KUDLOW, P. A. et al. Cognitive enhancement in students. *Canadian Medical Association Journal*, 185(16):1399–1404, 2013.
9. MIRANDA, M. et al. Cognitive enhancer use among medical students. *Frontiers in Psychology*, 12:1–9, 2021.
10. ROGOWSKA, A. M.; NOWAK, P.; KWAŚNICKA, A. Validation of the Satisfaction with Life Scale among health sciences students. *Health Psychology Report*, 9(2):130–142, 2021.
11. SERRA, R.; DINATO, S.; CASEIRO, M. Uso de estimulantes em estudantes de medicina: repercussões emocionais. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 39(4):561–568, 2015.
12. SOUZA, A. C.; NORONHA, A. P. P. Escala de Satisfação com a Vida: adaptação e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 20(2):223–232, 2021.
13. TERRA JUNIOR, R.; MARTINELLI JUNIOR, C. E.; CIAMPO, L. A. Uso de álcool e outras substâncias em universitários. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43:126–134, 2019.
14. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *The Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST): Manual for use in primary care*. Geneva: WHO, 2010. 68p.